



**ST17. MUNDOS DO TRABALHO CONDIÇÕES DE TRABALHO E RESISTÊNCIAS DOS TRABALHADORES**

1208

**UM SINDICATO NO OLHO DO FURACÃO: A DISPUTA PELO CONTROLE DO SINDICATO DE BARREIROS EM MEIO ÀS TENSÕES NO PRÉ-GOLPE (1963-1964)<sup>1</sup>**

*Izabel Helena Acioli Siqueira dos Santos<sup>2</sup>*

**Resumo:** O Sindicato de Barreiros representava os trabalhadores rurais de três cidades da Zona da Mata Sul de Pernambuco. Com a regulamentação da sindicalização rural, em 1962, o STRB sofre desmembramento e são criados mais dois sindicatos. Tal processo enfrenta resistência, ocasionando um conflito armado na sede do Sindicato. Em 1963, Miguel Arraes assume o Governo de Pernambuco, propondo uma política diferenciada de atenção aos problemas no campo. No plano nacional, uma forte campanha para desestabilizar o Governo João Goulart se avolumava e tem reflexos nos governos aliados, como o de Arraes. Ao tratar desse episódio no Sindicato, a historiografia apresenta-o como uma ação de resistência de uma liderança em entregar a direção do mesmo. Com este trabalho, pretendemos analisar a relação desse conflito no Sindicato com as disputas entre forças políticas pelo controle do movimento no campo e como ele foi utilizado para alimentar o clima de instabilidade no pré-golpe de 1964, em Pernambuco.

**Palavras-chave:** Sindicato. Trabalhadores. Barreiros-PE.

**O SINDICATO E AS ORGANIZAÇÕES NO CAMPO EM PERNAMBUCO**

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barreiros, Rio Formoso e Serinhaém é o primeiro Sindicato de trabalhadores rurais de Pernambuco. Foi fundado em 1954 e reconhecido pelo Ministério do Trabalho em 1956, quando ainda não havia legislação específica para a sindicalização rural. Localizado na Cidade de Barreiros, área litorânea da Zona da Mata Sul de Pernambuco, representava os trabalhadores rurais concentrados em uma área de atuação que abrangia as usinas: Central Barreiros e Una, (em Barreiros), Santo André e Cucaú (em Rio Formoso) e Trapiche (em Serinhaém).

<sup>1</sup> Este trabalho é resultado da monografia de conclusão do curso de Bacharelado em História pela UFPE, sob orientação da Profª. Drª. Maria do Socorro de Abreu e Lima

<sup>2</sup> Mestranda em História pela UFPE. Bolsista CNPq. E-mail: izabelsantos@gmail.com.

Com a regulamentação da sindicalização rural pelo Ministério do Trabalho, Portaria 355-A de 20 de novembro de 1962, o Sindicato sofre desmembramento. Ainda em 1962, é fundado o Sindicato de Rio Formoso, e, em 1963, o Sindicato de Serinhaém. A Carta de reconhecimento do Ministério do Trabalho para esses dois novos sindicatos é assinada em 1965.<sup>3</sup> As disputas políticas que ocorrem para o controle desses três sindicatos acabam contribuindo para aumentar as tensões no campo em Pernambuco.

As organizações políticas que atuavam no campo em Pernambuco, naqueles primeiros anos da década de 1960, buscavam contribuir para o crescimento da participação e organização dos trabalhadores rurais na luta por direitos, em consonância com os movimentos que nacionalmente iam desenvolvendo não apenas a luta econômica, por conquistas imediatas, mas cada vez reivindicavam maior participação política e mudanças estruturais, como era a campanha pelas Reformas de Base.

Entretanto, em meio a esse processo de fortalecimento das lutas dos trabalhadores da cidade e do campo, havia as disputas internas, as crises políticas nas organizações e as disputas pelo controle da direção do movimento no campo. Em Pernambuco, essa configuração no campo refletia o crescimento da participação política dos trabalhadores, mas, também, as disputas entre forças políticas.

As Ligas Camponesas, de origem pernambucana, que desenvolviam um trabalho com o Partido Comunista Brasileiro (PCB) no campo, durante o Congresso de Belo Horizonte, em 1961, romperam a parceria que construíram desde o surgimento das Ligas, em 1955, e passaram a disputar a influência e a liderança das lutas dos trabalhadores rurais.

As Ligas, que já defendiam os direitos dos camponeses excluídos da terra, começaram também a organizar sindicatos rurais, uma vez que precisavam ampliar seu campo de atuação que passava a ser disputado também pela Igreja Católica, além do PCB. Contudo, a partir de 1963, as Ligas sofrem forte crise interna e “perdem a hegemonia do movimento no campo”.<sup>4</sup> O PCB enfrenta rejeição interna à sua orientação moderada, resultando na saída de militantes que acabam fundando o Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

A Igreja Católica iniciou a organização de sindicatos rurais com o propósito de se contrapor à influência das Ligas Camponesas e do PCB, oferecendo uma linha política mais moderada, ante a proposta de reforma agrária radical das Ligas e da ideologia comunista.<sup>5</sup> Fazendo, assim, um contraponto à radicalização dos discursos e das ações, cria o SORPE (Serviço de Orientação Rural de Pernambuco), em 1961, e começa a organizar sindicatos na Mata Norte e Agreste, com destacada atuação dos padres Paulo Crespo (Jaboatão) e Antonio Melo (Cabo). A partir do trabalho da Igreja naqueles sindicatos, é fundada a Federação dos Trabalhadores Rurais de Pernambuco (FTRP), em 1962, com reconhecimento pelo Ministério do Trabalho, no mesmo ano.

Havia, ainda, uma dissidência interna também na Igreja e uma ala mais progressista foi criada, a Ação Popular (AP). Além destas organizações, oriundo de São

<sup>3</sup> Dados coletados com a diretoria dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais de Rio Formoso e Serinhaém.

<sup>4</sup> AZEVEDO, Antônio. *As Ligas Camponesas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p 78.

<sup>5</sup> Ver: ABREU E LIMA, Maria do Socorro de. *Construindo o Sindicalismo Rural: Lutas, Partidos, Projetos*. Recife: Ed. Universitária/Ed. Oito de Março, 2005.

Paulo e sob influência do trotskismo, surge na Mata Norte de Pernambuco o Partido Operário Revolucionário – Trotskista (POR-T), com uma proposta de radicalização da luta de classes para a eclosão imediata da revolução socialista, fazendo oposição frontal ao que considerava populismo, reformismo e criticando as ações moderadas das demais organizações.<sup>6</sup>

## DESMEMBRAMENTO, GOVERNO ARRAES E DISPUTA PELO SINDICATO

Esse quadro político se reflete no processo de desmembramento do Sindicato de Barreiros. Já nos anos de 1960, durante a gestão de Moacyr Pedro da Silva, o Sindicato filiou-se a FTRP, como comprova a nota “*Aos camponeses e ao povo em geral*”, publicada no *Diário de Pernambuco*<sup>7</sup> em nome da Federação e assinada por Manoel Gonçalo Ferreira, seu Presidente, e por mais doze presidentes de sindicatos rurais, entre eles, Moacyr Pedro da Silva, Presidente do STR de Barreiros.

As Ligas Camponesas tinham o controle do Sindicato de Rio Formoso e, conforme aponta Joseph Page, elas também dirigiam o Sindicato de Serinhaém, a partir de 1963.<sup>8</sup> Além disso, muito próximo dali, em Palmares, estava na direção do Sindicato Rural, o PCB. A atuação dessas forças desemboca na luta pelo controle político do Sindicato de Barreiros e resulta em graves conflitos com conseqüências políticas que repercutem no Governo Arraes.

Miguel Arraes assumiu o Governo de Pernambuco em um momento de muita violência no campo, com perseguições, ameaças e até assassinatos de trabalhadores rurais por cobrarem dos patrões seus direitos trabalhistas. Esse é o caso da Usina Estreliana quando, dias antes da posse de Arraes, trabalhadores foram recebidos à bala ao questionarem o usineiro e também deputado do PTB, José Lopes de Siqueira Santos, pelo pagamento do 13º salário. Cinco trabalhadores foram assassinados, outros três ficaram feridos e o usineiro-deputado nada sofreu.

Apresentava-se ao Governador a urgência em dar atenção especial ao campo, já em seus primeiros dias no exercício do Poder. O encaminhamento feito por Miguel Arraes para resolver os problemas, deixava clara uma nova concepção política de governar. Arraes decidiu fazer cumprir as leis trabalhistas, sobretudo o Estatuto do Trabalhador Rural, aprovado em março daquele mesmo ano, negociando e regulamentando direitos que até então não chegavam ao trabalhador. Para isso, o Governo fortaleceu a Secretaria Assistente, buscando garantir um canal de entendimento entre as entidades sindicais e o patronato, tentando dirimir os problemas.

Apesar de toda tensão no campo, a disposição do Governador Arraes em promover o diálogo levou à mesa de negociação, trabalhadores e patrões, através de suas representações sindicais. Das primeiras rodadas de negociação resultou uma

---

<sup>6</sup> Ver: SOARES, José Arlindo. *A Frente do Recife e o governo do Arraes: nacionalismo em crise (1955-1964)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982; MONTARROYOS, Carlos. *O tempo de Arraes e o contratempo de março*. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1982 & GALLINDO, José Felipe Rangel. *Jeremias: o trotskismo no campo em Pernambuco*. Recife: Ed. Universitária, 2013.

<sup>7</sup> Diário de Pernambuco, 06/02/1963 - APEJE

<sup>8</sup> PAGE, Joseph. *A Revolução que nunca houve: o Nordeste do Brasil (1955-1964)*. Rio de Janeiro: Record, 1972.

proposta de Tabela das Tarefas do Campo visando contribuir para a regulamentação das tarefas e da jornada de trabalho diárias. Mas, sem esperar que a proposta passasse pelo crivo dos trabalhadores, que seriam consultados em assembléias, o patronato apressou-se em aplicar aquela proposta de Tabela de acordo com o seu entendimento.

A reação foi imediata: novas greves foram deflagradas e uma animosidade surgiu entre as entidades sindicais e os trabalhadores insatisfeitos, atizados pela classe patronal que, sabiamente jogava uns contra os outros. Houve tensão entre as organizações sindicais. A FTRP foi questionada por ter participado de reunião em que só estavam representantes dos patrões, sem o Governo e mais nenhuma representação dos trabalhadores, além de ter publicado um manifesto nos jornais em que condicionava o aumento salarial ao reajuste no preço do açúcar, conforme queriam os patrões e, por ter lançado uma nota, durante a campanha pelo salário mínimo “onde fazia apelo conjunto ao pleito dos proprietários”.<sup>9</sup>

Essa polêmica atinge em cheio o Sindicato de Barreiros. Associado à FTRP, Moacyr Pedro sofre pressão dos trabalhadores por acatar a Tabela e sua eleição para a direção do Sindicato passa a ser questionada. No início de julho, o jornal *Última Hora - Nordeste* noticiou que Moacyr Pedro da Silva foi destituído da presidência do Sindicato de Barreiros, em uma assembléia com cinco mil trabalhadores, acusado de ser “pelego” e de concordar com a Tabela. O periódico informava ainda que esses trabalhadores tinham sido mobilizados pelas Ligas Camponesas e que uma Junta Governativa foi composta por José Domingues, Júlio Santana e Manoel Tito.<sup>10</sup>

Ao examinarmos o prontuário<sup>11</sup> de Júlio Santana, na DOPS, encontramos seus esclarecimentos à Secretaria de Segurança Pública, sobre a destituição de Moacyr e a criação da Junta, datado de 11 de agosto de 1963, onde afirma que “representou junto à Delegacia Regional do Trabalho contra irregularidades constatadas na eleição de Moacyr Pedro da Silva, para presidente do referido sindicato”. Ainda conforme o documento, a escolha de Júlio para presidir a Junta Governativa deu-se pela representação que fez à DRT e pela sua atuação na região.

Na historiografia que aborda esse tema, a análise desses conflitos em Barreiros e suas motivações apontam para a destituição de Moacyr da presidência do Sindicato por irregularidades em sua eleição.<sup>12</sup> Não obstante, identificamos que a rejeição à proposta de Tabela dos patrões também foi um forte motivador para a contestação quanto à autoridade de Moacyr à frente do Sindicato. Ademais, estava ele vinculado à FTRP que, naquele momento, também era questionada pelos trabalhadores.

## A DISPUTA PELO SINDICATO E A CRISE NAS LIGAS

<sup>9</sup> BARROS, Júlio César Pessoa de. *Conflitos e negociações no campo durante o primeiro Governo Arraes em Pernambuco (1963-1964)*. Dissertação de Mestrado em História apresentada à Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2013.

<sup>10</sup> Jornal *Última Hora* – Edição Nordeste, 22/07/1963

<sup>11</sup> Prontuário nº 20.398 – DOPS/APEJE

<sup>12</sup> ABREU E LIMA, Maria do Socorro de. *Construindo o Sindicalismo Rural: Lutas, Partidos, Projetos*. Op. Cit.

Somamos a esses fatores a disputa das Ligas Camponesas pelo Sindicato, uma vez que Júlio Santana atuava no Sindicato de Serinhaém como membro das Ligas. Contudo, no bojo desse processo em Barreiros, ele rompeu a relação política com Francisco Julião<sup>13</sup> (advogado, dirigente das Ligas Camponesas) e passa a atuar por conta própria.

A partir daí, o Sindicato volta a usar o nome de antes do desmembramento: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barreiros, Rio Formoso e Serinhaém<sup>14</sup> e, enquanto Junta Governativa, passa a atuar na base de extensão dos três Sindicatos. Resultando em confrontos também com as Ligas, em Serinhaém.<sup>15</sup> Há, inclusive, uma nota publicada no *Diário de Pernambuco*<sup>16</sup> em nome do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barreiros, Rio Formoso e Serinhaém, assinada por Júlio Santana como presidente da Junta Governativa, convocando uma assembléia extraordinária.

Portanto, os conflitos que eclodiram no Sindicato também estão associados à crise nas Ligas Camponesas e suas “dissensões internas” que, de acordo com ANDRADE<sup>17</sup>, eram

tanto a nível de cúpula – divergências entre Julião e o PCB, com padre Alípio de Freitas e com o jornalista Clodomir Moraes – como a nível de base, com quadros de menor expressão, como Júlio Santana, presidente do Sindicato de Barreiros.<sup>18</sup>

Além das disputas entre as demais forças políticas pelo controle da região, o que colocava o Sindicato no olho do furacão da luta no campo em Pernambuco.

De acordo com Joseph Page, a presença de Júlio Santana na região de Barreiros/Serinhaém, foi resultado de uma oportunidade dada por Francisco Julião para que ele, Santana, se reintegrasse às Ligas após um período afastado por bebedeiras e brigas. Tal oportunidade foi classificada por PAGE como “grande erro”, diante da ruptura e dos encaminhamentos dados por Santana no Sindicato.

Outros autores ao abordarem os conflitos que eclodiram no Sindicato também associam Júlio Santana a acusações de “fazer arruaças, andar bêbado no sindicato”.<sup>19</sup> Ou, ainda, como “um anarquista de primeira”, um aventureiro, “senhor de si mesmo”, como acentuou Callado.<sup>20</sup> Entretanto, Clodomir Moraes, ao falar da formação dos líderes das Ligas Camponesas, definindo como tais “os que tinham prestígio entre os camponeses e que conseguiram dirigir mais de quinhentas pessoas”, destaca cinquenta e uma pessoas, dentre essas, está Júlio Santana, na categoria de camponês (semi-operário).

<sup>13</sup> PAGE, Joseph. *A Revolução que nunca houve: o Nordeste do Brasil (1955-1964)*. Op. Cit., p-p. 196-197.

<sup>14</sup> ÚH-NE, 04/10/1963 – APEJE.

<sup>15</sup> ÚH-NE, 09/10/1963 – APEJE.

<sup>16</sup> DP, 04/10/1963 – APEJE.

<sup>17</sup> ANDRADE, Manuel Correia de. *Lutas Camponesas no Nordeste*. São Paulo: Ática, 1986, p-p. 38 e 39.

<sup>18</sup> Clodomir Moraes, *História das ligas camponesas do Brasil*, 8/1965, 80fls., p-p. 38-39. Disponível em <http://r1.ufrj.br/cpda/als/>. Acessado em 11/02/2014.

<sup>19</sup> ABREU E LIMA, Maria do Socorro de. *Construindo o Sindicalismo Rural: Lutas, Partidos, Projetos*. Op. Cit., p. 49.

<sup>20</sup> CALLADO, Antonio. *Tempo de Arraes: a revolução sem violência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 124.

De acordo com a cobertura dos jornais sobre aqueles dias em Barreiros, confirmamos a capacidade de mobilização de Santana, sempre realizando suas ações com centenas de trabalhadores ao seu lado. Como vimos, na reportagem do *ÚH*, sobre a assembléia que destituiu Moacyr Pedro da presidência do Sindicato, havia cinco mil pessoas. As greves e mobilizações nos engenhos, após a criação da Junta presidida por Júlio Santana também arregimentavam grande número de trabalhadores.

O fato é que em fins de agosto foi expedido um mandado judicial restituindo Moacyr Pedro à presidência do Sindicato.<sup>21</sup> Decidido a impedir que lhe tirassem o comando, Júlio Santana partiu para medidas extremas e ocupou a sede da entidade<sup>22</sup> e, segundo os jornais, contou com um contingente de centenas de trabalhadores apoiando-lhe na resistência. Mas, essa durou pouco. Santana foi destituído da Junta Governativa<sup>23</sup> por uma assembléia, com oito mil trabalhadores, sob acusação “de não ter moralizado o sindicato”.

Em 06 de Outubro de 1963, o jornal *Diário de Pernambuco* estampava em sua capa uma chamada para reportagem sobre o conflito no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barreiros, dizendo: “Barreiros sob domínio da subversão”. A imagem que ilustrava a chamada de capa, ficando mais em evidência do que a notícia, chegando “a açambarcar o espaço da escrita”,<sup>24</sup> mostra a frente da sede do Sindicato com dois homens (um com arma de fogo e o outro com um porrete).

Imagem 01. BARREIROS SOB O DOMÍNIO DA SUBVERSÃO



Fonte: Diário de Pernambuco, 06 de outubro de 1963

Abaixo da imagem, o seguinte texto:

<sup>21</sup> DP, 30/08/1963 – APEJE.

<sup>22</sup> DP, 03/09/1963 – APEJE.

<sup>23</sup> ÚH-N – 05/10-1963 – APEJE.

<sup>24</sup> , Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: Pinsky, Carla Bassanezi. (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 132.

Liderando centenas de camponeses, o agitador Júlio Santana invadiu a cidade de Barreiros, arrombou as portas do Sindicato Rural, destituiu violentamente os dirigentes eleitos da entidade, apoderou-se dos móveis, transferindo-os para Serinhaém, e ocupou grande área urbana daquela comunidade da zona canavieira. Os invasores, armados de **espingarda, revólveres e instrumentos agrícolas**, provocaram pânico na população barreirense, grande parte da qual evita sair às ruas, temerosa da **eclosão de sangrentos episódios**. **A polícia**, como de costume, **assiste de braços cruzados** às desordens, enquanto **o Prefeito Clóvis Tenório responsabiliza o governador Arraes – a quem apoiou na campanha governamental** – pelos acontecimentos. **A foto, colhida à custo pela reportagem do DIÁRIO**, que foi **ameaçada de morte pelos agitadores (“não batam chapas que acabamos com voes debaixo de pau”)**, mostra a sede do Sindicato ocupada pelos rurícolas armados (reportagem ampla na 2ª página).<sup>25</sup>

1214

Era desta forma que o *Diario de Pernambuco* fazia a cobertura dos acontecimentos acerca das disputas e conflitos pelo controle do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barreiros (STRB), dando ênfase à violência, ao clima de instabilidade e “pânico” na Cidade, associando o episódio ao Governador Miguel Arraes de Alencar apontado, pelo Prefeito da Cidade, como responsável pelos acontecimentos.

A linguagem utilizada pelo DP, o espaço disponibilizado para a matéria, a imagem, parecem revelar uma intenção por trás da notícia. Lembrando o que nos diz Luca: “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público”.

Na matéria, não há a opinião dos diretamente envolvidos no caso - os trabalhadores rurais e os sindicalistas – há, contudo, ataques frontais ao Governador de Pernambuco, acusado pelo Prefeito Clóvis Tenório, filiado à União Democrática Nacional (UDN), de omitir, a si e à polícia, dos “desmandos” que estavam ocorrendo.

A classe patronal fez forte pressão para que providências fossem tomadas, acabasse a “agitação no campo” e a “paz” voltasse a reinar. Notas nos jornais, ofícios enviados à SSP e ao IV Exército, críticas cada vez mais duras pela “ausência da polícia no campo”. Políticos opositores a Arraes também fizeram coro, culpando-o pela “baderna”,<sup>26</sup> como disse o então Prefeito de Barreiros.

E a prisão de Júlio Santana foi efetivada poucos dias depois da assembléia que o destituiu da presidência da Junta Governativa do Sindicato. Preso, enquadrado na Lei de Segurança Nacional e em crimes de outras tipificações, conforme revela seu prontuário na DOPS. A reação de trabalhadores vinculados ao Sindicato foi ainda mais radical. Ocorreram conflitos na sede do Sindicato, quando trabalhadores em protesto por sua prisão, prenderam o motorista do tenente que o havia detido. Houve confronto entre trabalhadores e a polícia com tiroteio, feridos e prisões.

Os jornais noticiaram a prisão e, depois, registraram que a paz havia voltado ao campo. Na Casa de Detenção do Recife, Júlio Santana<sup>27</sup> continuou sendo uma dor de

<sup>25</sup> Grifos nossos.

<sup>26</sup> DP, 05/10/1963 - APEJE

cabeça para os patrões e o Governo, porque a luta no campo não cessou e havia indícios de sua influência.

O Sindicato sofreu intervenção da Delegacia Regional do Trabalho e sua direção foi assumida por um representante do Sindicato de Palmares, ligado ao PCB.<sup>28</sup> Uma Delegacia Assistente foi deslocada para a Cidade abrangendo, também, Rio Formoso e Serinhaém. Após serem realizadas sete greves na região, em um curto espaço de tempo, e dos conflitos no Sindicato, fazia sentido aquela representação da Secretaria Assistente de Arraes para as três cidades.

Em Pernambuco, o Governador Arraes sentia a pressão da campanha para desestabilizar seu Governo, difundida pela grande imprensa e as classes dominantes insatisfeitas com sua proposta de governar buscando atender, também, às demandas dos trabalhadores. Assim como estava sendo feita campanha para desestabilizar o Governo João Goulart e impedir que fossem efetivadas as Reformas de Base defendidas pelos trabalhadores brasileiros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Naqueles anos iniciais da década de 1960, a atuação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barreiros nas manifestações e greves e as disputas por sua direção política colocam aquele órgão de classe dos trabalhadores rurais no foco dos acontecimentos que faziam fervilhar o campo em Pernambuco.

A importância dos acontecimentos no Sindicato e a dimensão que é dada a eles na grande imprensa consegue, de certa forma, afetar o primeiro Governo de Miguel Arraes e incomodar as classes dominantes que não aceitavam o novo momento político em que vivia Pernambuco e o Brasil, com trabalhadores se organizando, lutando por direitos, com legislação respaldando-os e governos com atuações menos repressivas e mais participativas, democráticas.

Por fim, consideramos que as motivações para os confrontos no Sindicato de Barreiros, não eram apenas por rejeição à Proposta de Tabela de Tarefas, nem por problema com a eleição de Moacir Pedro, como aborda a historiografia. As possíveis motivações que levaram a essa disputa são de caráter político. Estão associadas à crise nas Ligas, suas disputas internas e a disputa entre forças políticas pelo controle da região.

## REFERÊNCIAS

ABREU E LIMA, Maria do Socorro de. **Construindo o Sindicalismo Rural: Lutas, Partidos, Projetos**. Recife: Ed. Universitária/Ed. Oito de Março, 2005.

ANDRADE. Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste: Contribuição ao Estudo da Questão Agrária no Nordeste**. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. **Lutas Camponesas no Nordeste**. São Paulo: Ática, 1986.

<sup>28</sup> ÚH-NE, 13/10/1963 - APEJE



- \_\_\_\_\_. **História das Usinas de Açúcar em Pernambuco**. Recife: Massangana, 1989.
- ANDRADE, Yvon Bezerra de. **Memórias barreirenses**. Recife: Ed. Bagaço, 2007.
- ARRAES, Miguel. **O Brasil, o povo e o poder**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.
- AZEVEDO, Antônio. **As Ligas Camponesas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- BANDEIRA, Moniz. **O Governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil (1961-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- BARRETO, Túlio Velho; FERREIRA, Laurindo (Orgs.). **Na trilha do golpe: 1964 revisitado**. Recife: Ed. Massangana, 2004.
- BARROS, Júlio César Pessoa de. **Conflitos e negociações no campo durante o primeiro Governo de Miguel Arraes em Pernambuco (1963-1964)**. Dissertação de Mestrado em História apresentada à Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2013.
- BEZERRA, Gregório. **Memórias**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- CALLADO, Antonio. **Tempo de Arraes: a revolução sem violência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CLIO. **Revista de Pesquisa Histórica**. Nº. 22, 2004 / apresentação Socorro Ferraz. Recife: Editora Universitária, 2006.
- COELHO, Fernando Vasconcellos. **Direita, volver: o golpe de 1964 em Pernambuco**. Recife: Bagaço, 2004.
- DABAT, Christine Rufino. **Moradores de Engenho**. Recife: Ed. Universitária, 2012.
- FREITAS, Sônia Maria. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- GALLINDO, José Felipe Rangel. **Jeremias: O trotskismo no campo em Pernambuco**. Recife: Ed. Universitária, 2013.
- GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas**. A Esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Ática, 1987.
- JACCOUD, Luciana de Barros. **Movimentos Sociais e Crise Política em Pernambuco (1955-1968)**. Recife, FUNDAJ, Editora Massangana, 1990.
- MONTARROYOS, Carlos. **O tempo de Arraes e o contratempo de março**. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1982.

MONTARROYOS, Sylvia. **Réquiem por Tatiana – missa em si menor:** memórias de um tempo de guerra e de uma descida aos infernos. Recife: Cepe, 2013.

PAGE, Joseph. **A Revolução que Nunca Houve:** O Nordeste do Brasil (1955-1964). Rio de Janeiro: Record, 1972.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2006.

SOARES, José Arlindo. **A Frente do Recife e o Governo Arraes:** nacionalismo em crise (1955-1964). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil:** de Getúlio à Castelo (1930-1964). São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

TOLEDO, Caio Navarro de. **O governo Goulart e o golpe de 64.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa.** V 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

WEFFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.